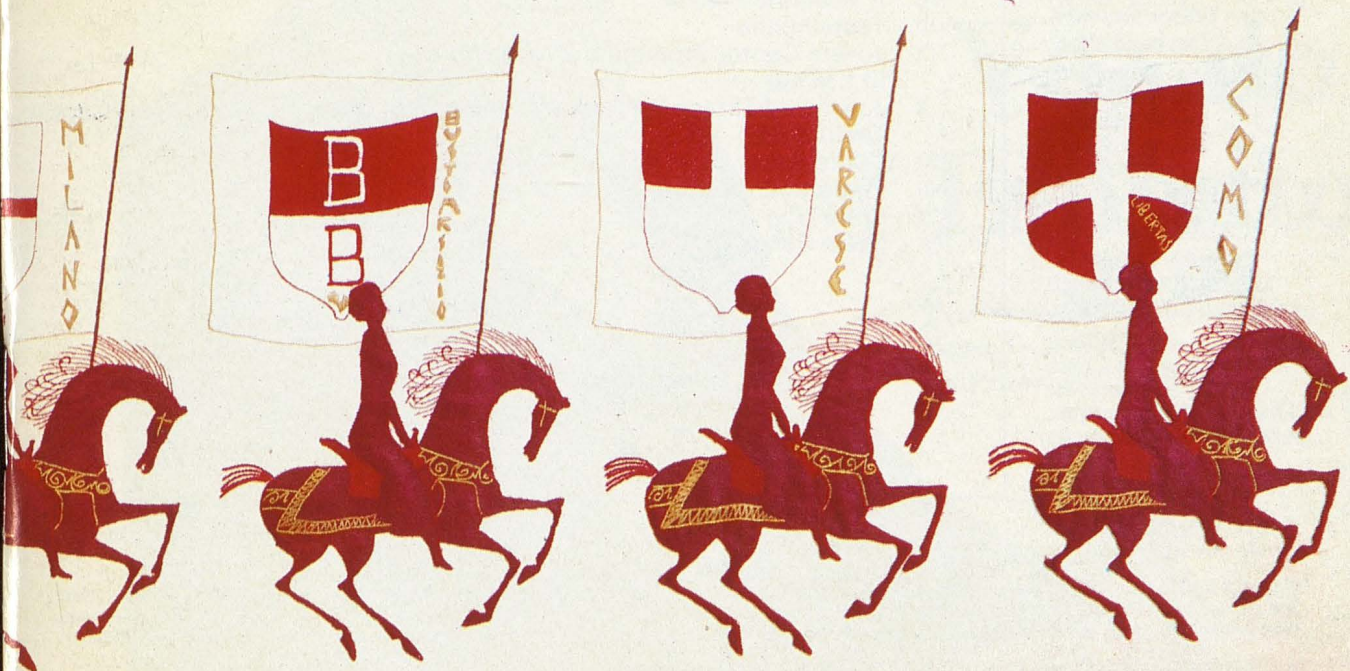
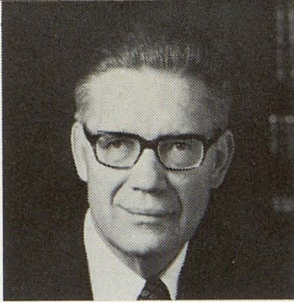




A 34/5 MAIO 1981
Liahona



zza e la saggezza ovunque si trovino



**A PRIMEIRA
PRESIDÊNCIA:**
Spencer W. Kimball
N. Eldon Tanner
Marion G. Romney

**CONSELHO
DOS DOZE:**
Ezra Taft Benson
Mark E. Petersen
LeGrand Richards
Howard W. Hunter
Gordon B. Hinckley
Thomas S. Monson
Boyd K. Packer
Marvin J. Ashton
Bruce R. McConkie
L. Tom Perry
David B. Haight
James E. Faust

**COMITÊ
DE SUPERVISÃO:**
M. Russell Ballard
Loren C. Dunn
Rex D. Pinegar
Charles Didier
George P. Lee
F. Enzo Busche

**EXECUTIVO DO
«INTERNATIONAL
MAGAZINE»:**

Larry Hiller,
Editor Gerente;
David Mitchel.

Editor Associado;
Bonnie Saunders
Seção Infantil;
Roger Gylling,
desenhista;

**EXECUTIVO DE
A LIAHONA:**

Danilo Talanskas,
Diretor Responsável;
Paulo Dias Machado,
Editor;
Victor Hugo da Costa
Pires, Assinaturas;
Orlando Albuquerque,
Supervisor de Produção

A Liahona

**MAIO DE 1981
PBMA0573PO
S. PAULO - BRASIL**

HISTÓRIAS E DESTAQUES

1. Mensagem da Primeira Presidência:
A Voz do Espírito, Marion G. Romney
4. **Como Obter Revelação Pessoal**, Bruce R. McConkie
10. **Esprei Quarenta Anos pelo Batismo**, Bessie Leeper Yoakum
13. **Como Explicar a Morte a Crianças**, Jon M. Taylor
16. **Falemos a Respeito** - Algumas Sugestões para Debates em Família
20. **Ethel**, Susan H. Aylworth
21. **Mil e Quinhentos Quilômetros ... Descalço**, Hal Knight
25. **O Caderno de Notas**, Janet Brigham
28. **Labirintos**, Maxwell T. Stone
30. **Mandamento Rígido, Porém Suave**, Neal A. Maxwell

SEÇÃO INFANTIL

- I **Wilford Woodruff**
- II **Seguros à Barra de Ferro**, F. Burton Howard
- V **A Bola de Gude**, Laurie J. Wilson

NOTÍCIAS LOCAIS

- I Formada a Primeira Estaca Mineira
- II Está Crescendo o Paraná
- III Curitiba Ganha Nova Capela
- IV Os frutos da Fé
- VI A Mais Bela Visão
- VII A Pequena Flecha
- VIII Testemunho
- IX Jovem Cantor Propaga o Evangelho
- III ENPAS
- X Jovens da Estaca S.P. Leste Comemoram o Sesquicentenário da Igreja
Testemunho
- XI Conferência de Jovens em Ponta Grossa
- XII Preparação e Manutenção de Jardins
- XIV Entre Nós
- XVI Noite Familiar

REGISTRO: Está assentado no cadastro da DIVISÃO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS, do D.P.F., sob o nº 1151-P 209/73 de acordo com as normas em vigor.

SUBSCRIÇÕES: Toda a correspondência sobre assinaturas deverá ser endereçada ao *Departamento de Assinaturas, Caixa Postal 26023, São Paulo, SP*. Preço da assinatura anual para o Brasil: Cr\$ 100,00 para o exterior, simples: US\$ 5,00; aérea: US\$ 10,00. Preço de exemplar avulso em nossa agência: Cr\$ 10,00. As mudanças de endereço devem ser comunicadas indicando-se o antigo e o novo endereço.

A LIAHONA — © 1977 pela Corporação da Presidência de A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias. Todos os direitos reservados. Edição Brasileira do «International Magazine» de A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias, acha-se registrada sob o número 93 do Livro B, nº 1, de Matrículas e Oficinas Impressoras de Jornais e Periódicos, conforme o Decreto nº 4857 de 9-11-1930. «International Magazine» é publicado, sob outros títulos, também em alemão, chinês, coreano, dinamarquês, espanhol, finlandês, francês, holandês, inglês, italiano, japonês, norueguês, samoano, sueco e tonganês. Composta e impressa por Bandeirante S.A. Gráfica Editora, Rua Joaquim Nabuco, 351 - Fone 4523444 - São Bernardo do Campo - S.P. Devido à orientação seguida por esta revista, reservamo-nos o direito de publicar somente os artigos solicitados pela redação. Não obstante, serão bem-vindas as colaborações para apreciação da redação e da equipe internacional do «International Magazine». Colaborações espontâneas e matérias dos correspondentes estarão sujeitas a adaptações editoriais. Redação e Administração, Av. Prof. Francisco Morato, 2.430.

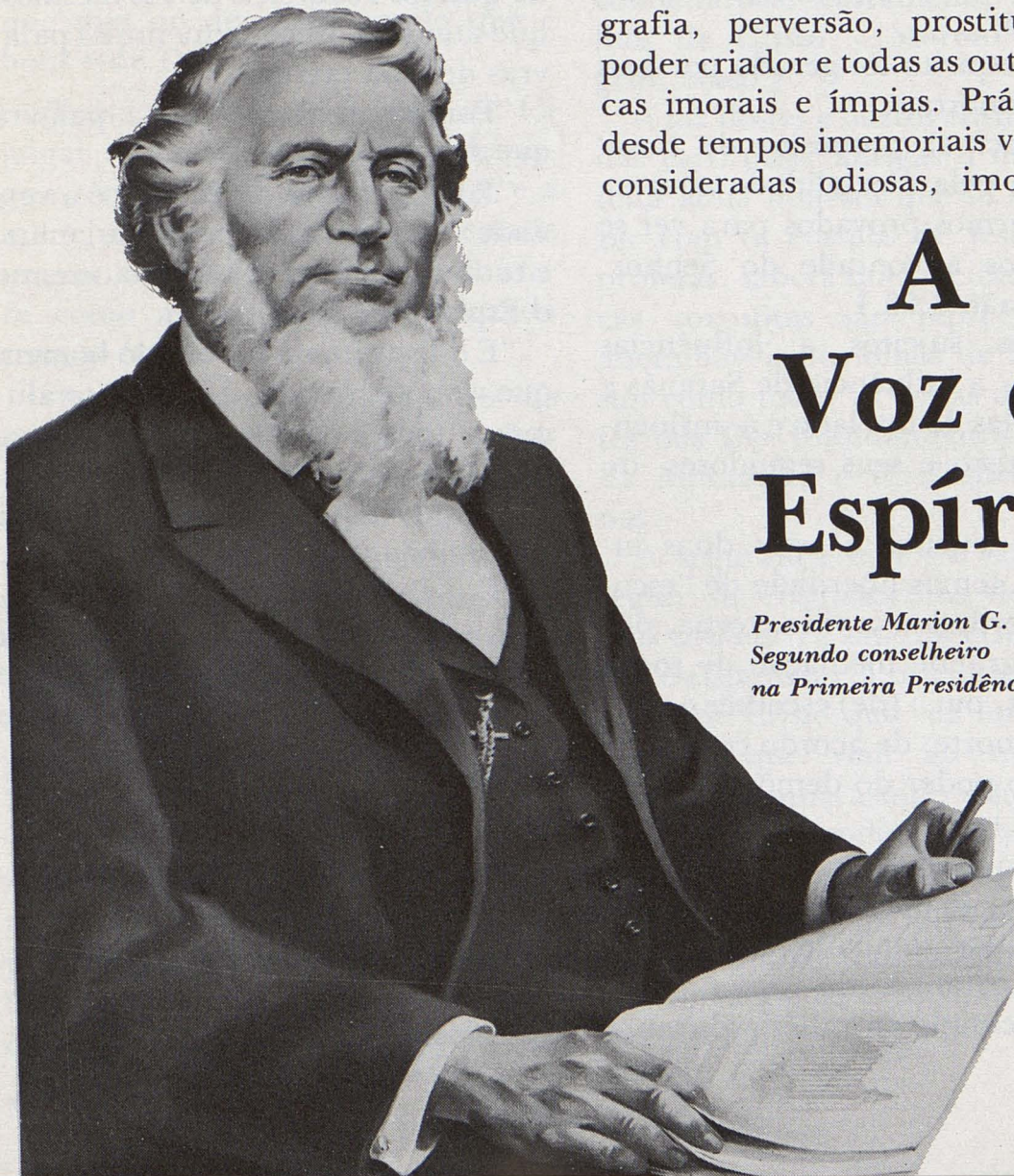
Mensagem da Primeira Presidência

Disse certa vez o Presidente Brigham Young: "Foi-me revelado no início desta Igreja, que ela prosperaria, cresceria e se expandiria, e que, à medida que o evangelho fosse pregado entre as nações da terra, se levantaria o poder de Satanás na mesma proporção." (*Discursos de Brigham Young*, p. 72.)

Atualmente presenciamos o cumprimento dessa profecia.

O fato de que em 1938 havia na Igreja 126 estacas, 36 missões e 784764 membros, e no fim de 1977, 885 estacas, 158 missões e perto de 4.000.000 de membros, é prova conclusiva de que nos últimos quarenta anos, pelo menos, a Igreja prosperou, cresceu e se expandiu.

Em cumprimento da afirmação do Presidente Young de que o poder de Satanás cresceria na mesma proporção, vemos por toda parte seu frenético empenho de obstar a realização da obra da Igreja. Entre suas mais eficazes armas estão a pornografia, perversão, prostituição do poder criador e todas as outras práticas imorais e ímpias. Práticas que desde tempos imemoriais vêm sendo consideradas odiosas, imorais, de-



A Voz do Espírito

*Presidente Marion G. Romney
Segundo conselheiro
na Primeira Presidência*

gradantes e até mesmo ilegais, e que sempre hão de destruir a alma, estão sendo advogadas e toleradas como aceitáveis por nossa sociedade decadente.

Não devemos — e nem precisamos — deixar-nos iludir nem corromper por esses ensinamentos e práticas malignos. E se nos lembrarmos sempre de quem somos e usarmos os meios providos pelo Senhor para discernir e evitá-los não seremos afetados por eles.

Jamais nos esqueçamos de que somos almas — espíritos imortais revestidos de um corpo mortal de carne e ossos;

Nosso espírito foi gerado por pais celestes, imortais;

O principal propósito de nossa passagem pela mortalidade aqui na terra é sermos provados para ver se cumprimos a vontade do Senhor. (Ver Abraão 3:25.)

Estamos sujeitos a influências opostas — a influência de Satanás e seus asseclas de um lado e a influência de Cristo e seus seguidores, do outro;

Mesmo sujeitos a essas duas influências, temos liberdade de “escolher a liberdade e a vida eterna, por meio da grande mediação de todos os homens, ou... (de) escolher o cativo e a morte, de acordo com o cativo e o poder do demônio...” (II Néfi 2:27.)

É muito importante lembrarmos de que, ao optar entre o bem e o mal, estamos tomando as decisões mais importantes de nossa vida. Nossa felicidade ou miséria durante

o tempo e eternidade depende dessas decisões.

É obvio e evidente que Deus, nosso Pai Celeste, e seu Amado Filho Jesus Cristo, nosso Redentor, não nos colocariam nessa posição em que tanto depende de nossas escolhas, sem nos dar o meio para distinguir entre o bem e o mal. Este meio é a *voz do Espírito*, e todos seremos responsabilizados pela maneira como a atendemos.

O Senhor nos instruiu a esse respeito como segue:

“E agora vos dou o mandamento de que vos acauteleis de vós mesmos, que atendaís diligentemente às palavras de vida eterna.

“Pois vivereis de toda a palavra que sai da boca de Deus.

“Pois a palavra do Senhor é a verdade, e tudo o que é verdade, é luz, e tudo o que é luz, é espírito, mesmo o Espírito de Jesus Cristo.

“E o Espírito dá luz a todo homem que vem ao mundo; e o Espírito alumia a todo homem no mundo *que atende a sua voz*.

“E todo aquele que atende à *voz do Espírito* vem a Deus, sim, o Pai.

“E o Pai ensina-o quanto aos convênios que ele renovou e confirmou sobre vós, o qual é confirmado sobre vós para vosso bem, e não somente para vosso bem, mas para o do mundo inteiro.

“E o mundo todo se acha em pecado, e geme sob trevas e sob a escravidão do pecado.

“E por isto podereis saber que estão sob a escravidão do pecado, porque eles não vêm a mim.

“Pois quem não vem a mim, está sob a escravidão do pecado.

“E quem não recebe a minha voz, não a conhece e não é meu.

“E por isto podereis discernir os justos dos iníquos, e saber que mesmo agora o mundo todo geme sob o pecado e trevas.” (D&C 84:43:53; grifo nosso.)

Mórmon nos explica especificamente como distinguir entre o bem e o mal:

“Portanto, tende cuidado, meus amados irmãos, a fim de que não julgueis ser de Deus o que é mau, ou que seja do demônio aquilo que é bom e de Deus.

“Pois, meus irmãos, dado vos foi julgar, a fim de que possais distinguir o que é bom do que é mau; e a maneira de julgar, para que tenhais um conhecimento perfeito, é tão clara como a luz do dia comparada com as trevas da noite.

“Porque eis que o *Espírito de Cristo* é concedido a todos os homens, para que eles possam conhecer o que é bom e o que é mau; portanto, eu vos estou ensinando o modo de julgar; porque tudo o que incita à prática do bem e persuade a crer em Cristo é enviado pelo poder e dom de Cristo; por conseguinte, podeis perfeitamente saber que é de Deus.

“Mas tudo quanto persuade o homem ao mal e a não crer em Cristo, negando-o e não servindo a Deus, podeis considerar com certeza que é do demônio; pois é desta forma que obra o demônio, não persuadindo

ninguém a fazer o bem, nem a um só que seja; tampouco o fazem seus anjos, ou os que a ele estiverem sujeitos.

“E agora, meus irmãos, vendo que conheceis a luz pela qual podeis julgar, essa luz que é a de Cristo, tende cuidado para que não julgueis erradamente; pois da mesma forma que julgardes, assim sereis julgados.

“Portanto, suplico-vos, irmãos, que busqueis diligentemente, na luz de Cristo, a fim de que possais diferenciar o bom do mau; e se vos apeardes a tudo o que for bom e não o condenardes, certamente sereis filhos de Cristo.” (Moroni 7:14-19; grifo nosso.)

À luz destes e outros ensinamentos das escrituras, antigas e modernas, toda alma honesta que se familiarizar com os ensinamentos de Jesus e seus profetas, saberá que as citadas práticas corruptas são repreensíveis e abomináveis aos olhos de Deus, assim como todas as coisas discordantes dos Dez Mandamentos, Sermão da Montanha e revelações modernas.

A segurança está em conhecer e seguir os ensinamentos de Jesus e seus profetas, e em discernir e atender estritamente à orientação do Espírito de Cristo que “dá luz a todo o homem que vem ao mundo; e (que)... alumia a todo o homem no mundo que atende à sua voz.

“(Pois)... todo aquele que atende à voz do Espírito (evita qualquer prática antinatural, ímpia e impura, e) vem a Deus, sim, o Pai.” (D&C 84:46-47.)

Como Obter Revelação Pessoal

*Élder Bruce R. McConkie
do Quorum dos Doze*

Eu gostaria de falar a respeito de algumas realidades espirituais e certas coisas básicas que precisamos fazer, a fim de operar nossa salvação (V. Filip. 2:12), sermos membros dignos do reino de Deus nesta vida e nos qualificarmos para nossa recompensa eterna nas esferas vindouras. Gostaria de falar sobre o recebimento de revelação pessoal, sobre como todo membro da igreja poderá saber da divindade da obra, ter na alma e no coração os sussurros do Espírito, e mais ainda, ter visões, falar com anjos, contemplar a face do Senhor e receber todo conhecimento

e sabedoria que têm sido derramados sobre as pessoas fiéis de todos os tempos.

Como povo, costumamos dizer que acreditamos em revelação moderna. Afirmamos que os céus se abriram, que Deus falou em nossos dias, que anjos ministraram aos homens, que têm havido visões e revelações, que não nos foi negado nenhum dom possuído pelos antigos.

Usualmente, porém, quando assim falamos, estamos pensando em Joseph Smith, Brigham Young ou Spencer W. Kimball, nos apóstolos e profetas, e no fato de que a Igreja



opera pelo princípio da revelação.

Bem, quanto a isto não há dúvida: a organização a que pertencemos é literalmente o reino do Senhor, destinado a preparar e qualificar-nos para entrar no reino celestial, e esta Igreja é guiada por revelação. Tenho participado com os apóstolos de diversas reuniões em que o profeta de Deus na terra declarou humildemente e com fervoroso testemunho que o véu é tênue, que o Senhor guia e dirige os negócios da Igreja, que ela é a igreja dele e ele está manifestando sua vontade.

Existe inspiração à testa da Igreja e ela está cumprindo seu propósito, progredindo de acordo com a vontade do Senhor, para que, tão rapidamente quanto nossas forças o permitirem, sua mensagem chegue aos seus outros filhos espalhados pelo mundo, e para que nós, como membros do reino, possamos purificar e aperfeiçoar nossa vida, tornando-nos merecedores das mais altas bênçãos aqui e no além.

Todavia, a revelação não está restrita ao profeta de Deus na terra. As visões da eternidade não estão reservadas às Autoridades Gerais. A revelação é algo a ser recebido individualmente. Deus não faz acepção de pessoas (V. D&C 1:35); toda alma é tão preciosa aos olhos dele como a alma daqueles chamados para cargos de liderança. Como ele opera baseado em princípios eternos, na lei universal, toda pessoa que obedecer à lei que lhe dá direito a receber re-

velação, poderá saber exatamente tudo o que o Presidente Kimball sabe, pode falar com anjos exatamente como Joseph Smith falou, e pode estar em sintonia com todas as coisas espirituais.

Diz o Profeta Joseph Smith:

“A leitura das experiências alheias ou as revelações dadas a *outras pessoas*, jamais poderão dar-nos um entendimento de nosso estado e de nossa verdadeira relação com Deus. O conhecimento dessas coisas se pode obter tão somente pela experiência, mediante as ordenanças que Deus estabeleceu para esse propósito. Se, por cinco minutos, pudésseis contemplar o que há nos céus, aprenderíeis mais do que se lesseis tudo o que já se escreveu sobre o assunto.” (*Ensinamentos do Profeta Joseph Smith*, p. 316.)

Penso ser de nosso interesse obter revelação pessoal, conhecer pessoalmente o pensamento e a vontade do Senhor no que concerne a nossa própria pessoa, e receber confirmação do que pensa e deseja para sua igreja.

Existem dois tipos de conhecimento - intelectual e espiritual. Durante os tempos escolares buscamos primordialmente o conhecimento intelectual, o qual é provavelmente adquirido pelo raciocínio e através dos sentidos. É um conhecimento extremamente importante e vital — incentivamos todos os que desejam progredir na vida a aprimorar seu intelecto.

Entretanto, sugiro que devemos dedicar uma porção maior de nosso tempo à busca do conhecimento espiritual. Com referência às realidades espirituais, não se trata de adquirir alguma coisa unicamente pela razão ou através dos sentidos, mas sim de revelação — de aprender como obter conhecimento das coisas de Deus, sintonizando nosso espírito como o Espírito eterno de Deus. É assim que a revelação chega ao indivíduo.

Não me preocupa muito quando alguém avalia um problema doutrinário ou da Igreja, seja qual for, se o fizer unicamente do ponto de vista intelectual. Qualquer coisa espiritual está em total e completo acordo com as realidades intelectuais a que chegamos pela razão. Porém, comparando o mérito relativo das duas, as mais importantes são as *coisas espirituais* e não as intelectuais. As coisas de Deus conhecem-se apenas pelo Espírito de Deus.

É bem verdade que se pode arrazoar sobre questões doutrinárias, mas é impossível instilar religião na própria vida até sentir-se algo na alma, até haver uma mudança no coração, até tornar-se uma nova criatura, uma criatura do Espírito Santo. Graças a Deus, todo membro da Igreja tem oportunidade de assim fazer, porque, em virtude do batismo, pode obter “o dom do Espírito Santo”, que significa que tem direito à companhia constante deste membro da Deidade, dependendo de sua

retidão e fidelidade pessoal. (V. 2 Cor. 5:17; D&C 33:15.)

Agora afirmo que temos *direito* à revelação. Todo membro da Igreja tem direito a receber revelação do Espírito Santo; tem direito a visitas de anjos; tem direito a visões da eternidade; e tem direito a ver Deus exatamente como qualquer profeta de fato o viu.

Pensamos em termos de profetas predizendo o destino futuro da Igreja e do mundo. O fato, porém, é que *toda pessoa deveria ser profeta para si própria e para os seus negócios.*

É Moisés quem diz: “Oxalá que todo o povo do Senhor fosse profeta, que o Senhor lhe desse o seu espírito!” (Núm. 11:29.)

E diz Paulo: “... procurai com zelo profetizar...” (I Cor. 14:39.)

Eles recomendam que, como indivíduos, busquemos de todo o coração e com todas as nossas forças o dom de profecia para os nossos assuntos pessoais.

Gostaria de ler uns poucos trechos das revelações do Profeta Joseph Smith que dão a fórmula para se vir a conhecer as coisas de Deus pelo poder do Espírito. Diz o Senhor: “... eu falarei à tua mente e ao teu coração pelo Espírito Santo que virá sobre ti e habitará em teu coração.

“Agora, eis que este é o espírito de revelação.” (D&C 8:2-3.)

Esta revelação fala de Espírito falando a espírito — do Espírito Santo falando ao meu espírito, mas de maneira incompreensível à mente. To-

Todo membro da Igreja poderá ter visões, falar com anjos, contemplar a face do Senhor e receber todo conhecimento e sabedoria que têm sido derramados sobre as pessoas fiéis de todos os tempos.

davia, é simples e claro para o entendimento espiritual — transmitindo conhecimento, dando inteligência, verdade e certeza das coisas de Deus. E isto se aplica a qualquer pessoa.

“Pelo seu Santo Espírito, sim, pelo inexprimível dom do Espírito Santo, Deus vos dará conhecimento que não foi revelado desde a fundação do mundo até agora;

“O qual os nossos antepassados com expectativa ansiosa esperaram fosse revelado nos últimos tempos...” (D&C 121:26-27.)

Eis uma passagem gloriosa, dirigida a toda alma vivente na Igreja. Em outras palavras, uma promessa de revelação pessoal.

“Pois assim diz o Senhor — Eu, o Senhor, sou misericordioso e afável para com aqueles que me temem, e me deleito em honrar aqueles que me servem em retidão e verdade até o fim.

“E a eles (a cada um no reino de Deus) revelarei todos os mistérios, sim, todos os mistérios ocultos do meu reino desde os dias antigos, e por muitos séculos tornar-lhes-ei conhecida a boa vontade do meu desejo concernente a todas as coisas relativas ao meu reino.

“Pois pelo meu Espírito os ilumina-

narei, e pelo meu poder eu lhes farei conhecer os segredos da minha vontade - sim, mesmo as coisas que o olho não viu, nem ouvidos ouviram, nem ainda entraram no coração do homem.” (D&C 76:5, 7, 10.)

Pois bem, eu afirmo que podemos falar com anjos, ter sonhos e visões, contemplar a face do Senhor. Aqui está uma promessa neste sentido:

“Em verdade, assim diz o Senhor: Acontecerá que toda a alma que renunciar aos seus pecados e vier a mim, e clamar ao meu nome, e guardar os meus mandamentos, verá minha face e saberá que eu sou.” (D&C 93:1.)

O Profeta afirmou que o véu poderia abrir-se hoje ou outro dia qualquer, desde que nos reuníssemos como élderes do reino em fé e em retidão, estando qualificados para as visões da eternidade. Eis a declaração de Joseph Smith: “A salvação não pode vir sem revelação (e não me refiro à revelação que trouxe a dispensação em que vivemos — falo da revelação pessoal ao indivíduo); e de nada adianta uma pessoa exercer seu ministério sem ela. Homem algum pode ser ministro de Jesus Cristo sem ser profeta. Ninguém pode ser ministro de Cristo, se

não tem o testemunho de Jesus; e o testemunho de Jesus é o espírito de profecia. Quando administramos a salvação, o fazemos pelo testemunho. Os homens desta época testificam do céu e do inferno, e jamais viram um ou outro; e eu direi que ninguém sabe dessas coisas sem o espírito de revelação.” (*Ensinamentos*, p. 155.)

Nós temos direito à revelação. A revelação pessoal é básica para nossa salvação, e as escrituras contêm muitas ilustrações disso. Eis o que Néfi registrou:

“Se não endurecerdes vossos corações e se pedirdes com fé, acreditando que sereis atendidos e guardando diligentemente os meus mandamentos, certamente estas coisas vos serão dadas a conhecer.” (I Néfi 15:11.)

O Livro de Mórmon fala de missionários de muito sucesso, os filhos de Mosiah:

“... eram homens de inteligência sã e haviam examinado diligentemente as escrituras para poder conhecer a palavra de Deus.

“E não só isso; tinham-se entregado a muitas orações e jejuns; por isso, tinham o espírito de profecia e de revelação, e quando ensinavam, faziam-no com o poder e autoridade de Deus.” (Alma 17:2-3.)

Quero citar mais uma passagem, desta vez do Profeta Joseph Smith:

“Uma pessoa poderá beneficiar-se, se percebe o primeiro embate do espírito de revelação. Por exemplo, quando sentis que a inteligência pura flui para vós, podereis repentina-

mente, ser despertados por uma corrente de idéias, de modo que, notando-o, vereis que se cumprem no mesmo dia ou pouco depois; (isto é) as coisas que o Espírito de Deus revelou à vossa mente; e assim, por conhecer e aceitar o Espírito de Deus, podereis crescer no princípio da revelação até que chegueis a ser perfeitos em Cristo Jesus.” (*Ensinamentos*, pp. 146-47.)

As escrituras fazem muitas referências à revelação, assim como os profetas falaram muito a respeito. Para nós, significa que precisamos de **experiência religiosa**, de um relacionamento pessoal com Deus. Precisamos fazer o que dizia o Profeta Joseph Smith: “Contemplar intensamente os céus por cinco minutos.”

Religião é introduzir o Espírito Santo na vida de uma pessoa. Nós precisamos estudar, é lógico, e avaliar. E em virtude desse estudo, conseguimos certo estado de espírito que nos permite buscar as coisas do Espírito, e acabamos *tendo a alma tocada pelo Espírito de Deus.*

Gostariam de uma fórmula para obter revelação pessoal? Ela pode ser explicada de várias maneiras. A minha é simples:

1. Examinar as escrituras.
2. Guardar os mandamentos.
3. Pedir com fé.

Qualquer pessoa que o fizer, acabará com o coração tão sintonizado com o Senhor, que a “voz mansa e delicada” lhe revelará os princípios eternos da religião. E à medida que

progride e se achega mais a Deus, chegará o dia em que falará com anjos, terá visões e finalmente contemplará a face de Deus.

Religião é uma coisa espiritual. Lancem mão de toda a sua intelectualidade para ajudá-los; porém, em última análise, terão de estar em sintonia com o Senhor.

A primeira grande revelação que a pessoa precisa conseguir é *saber da divindade da Igreja*. Nós a chamamos testemunho. Quando a pessoa consegue um testemunho, ela com isso aprendeu a como colocar-se em sintonia com o Espírito e obter revelação. Colocando-se em sintonia, ela pode obter conhecimento para orientá-la em seus negócios particulares. Depois, desfrutando esse dom e nele progredindo, conseguirá todas as revelações da eternidade que o profeta e todos os outros profetas receberam em todas as épocas.

Até certo ponto, todos nós recebe-

mos revelações. Eu recebi a revelação de que esta obra é verdadeira, e assim o *sei*. Atesto, independentemente de qualquer estudo e pesquisa; sei, porque o Santo Espírito falou ao meu espírito e deu-me o testemunho. Por isso, posso ocupar a posição de administrador legal e dizer em verdade que Jesus Cristo é o Filho de Deus, que Joseph Smith é seu profeta, que Spencer W. Kimball é o profeta atual, que A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias é a única igreja verdadeira e viva na face de toda a terra.

E mais ainda, em conexão com o assunto de que estamos tratando, posso testificar que *toda alma vivente que obedecer às leis de Deus*, examinar as escrituras, guardar os mandamentos e pedir com fé, pode *receber revelação pessoal do Todo-poderoso* para a grande glória e satisfação de sua alma aqui e salvação final nas moradas do alto.

O TRABALHO

Aquele que faz sua tarefa dia após dia,
Enfrentando tudo o que lhe aparece no caminho
Encontra em sua estrada alegria
E tem em Deus um amigo.

Aquele que se conserva vigilante,
zelando pelas coisas de Deus,
torna-se de pequeno, grande
e eleva-se da terra aos céus.

Aquele que trabalha com todas as suas forças
Tendo para com Deus lealdade,
verá realizadas as suas esperanças,
e não morrerá em dívida com a humanidade.

Anônimo



Esperarei Quarenta Anos pelo Batismo

Bessie Leeper Yoakum

Ao casar-me com dezoito anos, tinha lido a Bíblia de capa a capa, bem como freqüentado diversas igrejas — sem encontrar o que procurava em nenhuma delas. Eu estudava as escrituras diariamente; jejuava um dia por semana e procurava viver os princípios ensinados pelo Salvador. E orava regularmente ao Senhor, pedindo que alguém me trouxesse o evangelho verdadeiro.

Certo dia de 1920, quando meus quatro filhos ainda eram pequenos, um garoto trouxe-me um exemplar do folheto *Regras de Fé* que missionários haviam deixado numa escola da vizinhança. Disse-me ainda que os missionários realizariam uma reunião naquela noite. Como meu marido não estava interessado, não fomos à reunião, mas estudei o folheto

e procurei na Bíblia todas as passagens que se referiam ao Livro de Mórmon. Em seguida, escrevi à sede da Igreja, na Cidade de Lago Salgado, pedindo um Livro de Mórmon, o qual recebi além de mais folhetos. Quando tinha lido mais ou menos um terço do Livro de Mórmon, já sabia que ele era verdadeiro. Eu encontrara a igreja verdadeira! Sabia que Jesus Cristo vivia e era realmente o Filho de Deus! Meu primeiro impulso foi contar a todo o mundo.

Mas, quando dei o Livro de Mórmon à minha cunhada, ela não se interessou; pior ainda, ela ouvira e acreditara em algumas coisas negativas a respeito da Igreja.

Quando falou com meu marido, ele juntou e queimou todos os meus folhetos, proibindo-me de criar nos-

sos filhos nessa religião. Transtornada com o fato de ver-me tolhida ante o que há tanto almejava, escrevi à sede da Igreja expondo o meu problema. Aconselharam-me a esperar — vivendo cada dia o melhor que pudesse, e um dia eu teria condições de me batizar. Os missionários não podiam batizar uma mulher sem o consentimento do marido.

Continuei a ler o Livro de Mórmon e tudo o mais que conseguia encontrar, tanto a favor como contra a Igreja. E meu testemunho foi crescendo. Então nossa casa pegou fogo, perdi o meu Livro de Mórmon e não podia encomendar outro. Mas, quando reconstruímos nossa casa e uma de minhas primeiras compras foi uma Bíblia, mamãe comentou: “Você nunca perde a esperança, não é?”

Meu contato seguinte com a Igreja deu-se em 1940, quando já tínhamos seis filhos, e fui visitar minha irmã em Waco, Texas, distante uns cento e trinta quilômetros. Ela falou-me de uma amiga sua que era SUD. Por meio dela, pude comparecer à reunião da Escola Dominical e sacramental no pequeno ramo de Waco. Ganhei outro Livro de Mórmon de uma missionária e encontrei coragem de falar do evangelho com minhas filhas, agora já casadas e com filhos.

Nessa época, tive também meu primeiro contato com a obra genealógica, e foi ela que sustentou meu testemunho nos vinte anos seguintes

— durante os quais não tive nenhum contato com a Igreja. Ainda assim, sentia-me constantemente grata ao Pai Celestial por dar-me oportunidade de fazer alguma coisa pelos entes queridos já mortos, e continuei dedicando-me a essa obra com muita satisfação.

Senti-me grata, também, quando em 1945, meus três filhos mais velhos voltaram em segurança da II Guerra Mundial. Pouco depois, porém, quando eles e Robert Lee, meu filho de dezesseis anos, ajudavam o pai a consertar uma casa, Robert Lee morreu eletrocutado. Naquela noite, ali deitada pensando na tragédia, fiquei a me perguntar: “O que aconteceu com a minha fé? Eu tinha fé em que nada aconteceria à minha família — e ali estava Robert deitado no esquite.”

E uma voz respondeu clara e calmamente: “Robert Lee *está* bem, está em segurança.”

Então dei-me conta de que, embora o Pai Celeste nem sempre atenda às nossas preces como queremos, ele as responde. Meu testemunho voltou a ser fortalecido.

Em 1963, meu marido adoeceu e durante dois anos ficou entrando e saindo do hospital. Um dia, renovando minha coragem, perguntei-lhe por que não lia o Livro de Mórmon para descobrir por si mesmo se era verdadeiro ou não. Sua resposta foi imediata:

— Sei tudo o que quero saber. Mas eu fiquei firme e respondi:

— Não, você sabe apenas o que outros lhe disseram. Ele é o evangelho para o continente americano, exatamente como a Bíblia foi para o Oriente, e fala das grandes calamidades sofridas por este continente por causa da iniquidade.

Finalmente, ele disse: — Bem, suponho que não haja diferença entre os dois livros.

Mas ele nunca o leu e eu também não voltei a insistir. Quando ele adoeceu novamente, voltamos ao hospital e certa noite ele entrou em coma. Por volta das cinco da madrugada, ele recobrou a consciência, apertou minha mão e perguntou:

— Está vendo a mulher sentada aos pés da minha cama?

— Não estou vendo, não.

A seguir indagou: — Posso falar com toda essa gente?

Pensando que estivesse vendo parentes e amigos já falecidos, presentes para dar-lhe as boas-vindas no mundo espiritual, respondi afirmativamente, pois sabia que poderia depois de morto.

Então ele disse: — Acho que estou

morrendo, mas espero que tenhamos a oportunidade de aprender o evangelho depois de partirmos daqui...

Incapaz de falar, só consegui orar em silêncio, profundamente grata por, finalmente, ele ouvir a respeito do evangelho restaurado.


Um mês depois da morte de meu marido, fui batizada. Um ano mais tarde, fui à Cidade do Lago Salgado para ser selada ao meu marido no templo, e nosso filho, Robert Lee, ser selado a nós. Quase todos os meus outros filhos se haviam filiado a outras igrejas antes de eu poder falar-lhes sobre o evangelho restaurado.

Quando fui batizada em 1965, eu tinha sessenta e nove anos, uns quarenta anos depois de obter um testemunho do evangelho, mas esse testemunho jamais vacilou. Fé, orações e estudo constante do evangelho ajudaram-me a mantê-lo vivo. Eu sabia ter encontrado o evangelho verdadeiro — e hoje testifico fervorosamente que Jesus Cristo é o Salvador do mundo e o cabeça desta Igreja.

Davi, professor universitário, estava com a esposa no hospital quando esta faleceu. Sua doença fora breve e a morte inesperada. Apesar de sua grande tristeza e dor, a preocupação imediata foram os sete filhos pequenos. Como o hospital ficava um pouco longe de casa, Davi telefonou a um ex-bispo, pedindo-lhe que desse a notícia ao resto da família. O amigo assim fez e, guiado pelo evangelho, contou às crianças, simples e calmamente, o

que acontecera e o que poderia significar em suas vidas.

Nos dias subsequentes, as crianças falaram de suas ansiedades ao pai e outros familiares. Como as pessoas da família aceitaram o fato com serenidade e fé, as crianças também se conformaram com a morte da mãe, sabendo que seu espírito continuava vivo e algum dia ressuscitaria. Sabiam que voltariam a estar juntos, e que o amor e cuidado que ela lhes devotava, não haviam cessado. Eles



Como Explicar a Morte a Crianças

Jon M. Taylor

claramente consideravam a situação como temporária.

Histórias semelhantes a este caso verídico são contadas por muitas famílias que perderam um ente querido. Poucas situações trazem maior apreço pela esperança que o evangelho nos dá. Os ensinamentos do evangelho restaurado são uma bênção inestimável nessas ocasiões.

Durante minha missão, conhecia numa cidade do Meio-Oeste americano uma família com treze filhos. Embora já fossem adultos e não morassem em casa, era uma família muito unida e afetuosa. Dez dos filhos vivos moravam num raio de dois quarteirões da casa da mãe. Quando esta faleceu, os filhos, acabrunhados, pediram-nos que lhes explicássemos o plano de salvação. Durante nossa conversa, a aflição foi substituída por interesse e, finalmente, por gratidão ao Senhor.

A verdade revelada nos dá força e esperança; ainda assim, a perda de um membro querido da família é uma época de tristeza e dificuldade emocional. Quando minha mulher morreu, deixando-me com duas crianças em idade pré-escolar, busquei diretrizes que ajudassem meus filhos a aceitarem a sua ausência. Eis um pouco do que aprendi:

1. Convém ensinar às crianças, de modo simples, os conceitos da existência pré-mortal, mundo espiritual e ressurreição. A lembrança do selamento no templo deu aos nossos filhos a certeza de que nossa família, no fim, estaria reunida. Casos edificantes da história da Igreja e dos re-

gistros familiares e pessoais, confirmaram a fé em que voltariam a estar com a mãe.

2. A elucidação acima mencionada ajuda a evitar explicações capazes de confundir a maneira como as crianças encaram os vivos, ou criar temores desnecessários. Caso se diga a uma criança que a irmã "foi levada por ser muito boa para esta vida", ela poderá pensar que os vivos não prestam. Quando se diz que o vovô está "apenas dormindo", a criança pode ficar com medo de ir para a cama.

3. Descobri que a compostura dos adultos influencia a criança. Se os pais encaram a morte como inevitável mas não final, a criança também o fará. Um pai ou mãe acabrunhado demais para conversar na hora com a criança, deve deixar outros familiares ou amigos falarem com ela até que consiga controlar-se.

Todavia, é preciso externar a dor, a tristeza. Certa mãe ficou tão arrasada com a morte do esposo, que pediu a uma tia que conversasse com suas filhas. As duas meninas receberam a notícia como que petrificadas. Pareciam querer afastar-se da tia que continha estoicamente as lágrimas enquanto falava. Quando, finalmente, se pôs a chorar, as garotas a abraçaram e choraram com ela. E a dor foi desabafada e atenuada. Se os pais demonstram e compartilham suas emoções, as crianças dão-se conta de que a dor e o pesar são naturais e necessários.

4. O melhor meio, talvez, que encontrei para aliviar a ansiedade de

meus filhos, foi deixá-los desabafar. Se a criança quiser chorar, deixe-a chorar. Se tiver sentimentos de culpa, deixe-a falar livremente. Quando a criança perde um dos pais, ela pode querer saber que o remanescente ainda a ama e não vai abandoná-la. Confirmações simples, sinceras, satisfazem a criança.

5. Aprendi que, embora fosse importante o que eu dizia, as mensagens não-verbais eram mais importantes. Tom de voz sincero, abraços carinhosos e uma atitude afetuosa conseguem comunicar sentimentos mais profundos.

6. A criança precisa ser distraída, participar de atividades de que gosta, tais como natação, campismo ou esportes. A convivência com parentes e amigos é particularmente proveitosa. Um bichinho de estimação também dá muito consolo e é uma válvula segura para expressar sentimentos.

7. É proveitoso também cultivar a memória da pessoa falecida. Embora desejando que a criança aceite a morte de um dos pais, não queremos que se esqueça dele. Admirando fotografias da família ou fazendo perguntas, ela desenvolverá apreço e compreensão pelo pai ou mãe ausente.

8. Se a ansiedade, sentimento de culpa ou apatia da criança persistir, é preciso recorrer à ajuda profissional — porém deve ser alguém capaz de explicar esses conceitos segundo o evangelho.

Essas sugestões são úteis em caso de morte, mas também existem

meios de preparar as crianças antes que, de fato, cheguem a perder um parente próximo. A noite familiar é uma excelente oportunidade para um debate franco a respeito da morte, assim como o falecimento de um amigo ou parente mais distante. Comparecer a um funeral pode ajudar crianças maiores a apreciar e enfrentar a morte. Contudo, não convém levar crianças menores (abaixo de sete anos) a funerais.

Até mesmo a morte de animais pode ser instrutiva. Certa vez, meu filho Jonathan trouxe para casa uma cobra morta. Havia enfaixado sua cauda partida, tentando revivê-la. Foi preciso muita persuasão para convencê-lo de que nem todas as bandagens do mundo conseguiriam trazê-la de volta à vida.

Uma vez que aceite a perda de um ente querido, a criança é capaz de nos assombrar com sua fé e capacidade de recuperar-se rapidamente. Após a morte de minha mulher, Celende, nossa filhinha que não tem papas na língua, assumiu o papel da "patroa". Aos vendedores e outras pessoas que perguntavam pela mãe, ela respondia: "Mamãe não está. Ela foi pro céu." Sua franqueza deixou muita gente perplexa.

É confortador observar a capacidade infantil de absorver uma perda. Entretanto, a criança precisa sentir-se amada e receber apoio emocional. Como em tudo na vida, o evangelho de Jesus Cristo fornece a segurança, a esperança de restituição e da vida eterna.

Falemos

a

Respeito

Algumas Sugestões para Debates em Família

As noites familiares de segunda-feira têm bastante sucesso em nossa família — o manual nos fornece a



orientação básica. Porém, às vezes torna-se difícil realizar um debate proveitoso durante a noite familiar ou outros períodos de estudo.”

“Não há dificuldade para nossa família divertir-se junta. Mas, quando chega a hora de debater o evangelho, parece que repentinamente ninguém mais sabe abrir a boca.”

Em sua família o problema é semelhante?

Um dos benefícios do programa de reuniões combinadas é restar

mais tempo para a família aos domingos. As famílias são incentivadas a usar parte desse tempo livre para o estudo em conjunto das escrituras — além da noite familiar regular nas segundas-feiras. Como no manual de noite familiar não existem lições suficientes para todas essas reuniões suplementares, onde a família poderá conseguir material?

Obviamente, as escrituras devem ser a fonte principal. E as revistas da Igreja são igualmente proveitosas. Muitos dos artigos da A Liahona, por exemplo, prestam-se muito bem para troca de idéias - as mensagens da Primeira Presidência, os discursos de conferência e outros artigos sobre a família, casamento, necessidades individuais, programas e currículo da Igreja, aplicação do evangelho no cotidiano, experiências inspiradoras de santos contemporâneos etc.

Depois de ler um artigo individualmente ou em família, procurem debatê-lo e fazer perguntas a respeito. No caso de crianças maiores, evitem perguntas simples que podem ser respondidas com “sim” ou “não” — substituindo-as por perguntas que requeiram raciocínio e análise. O “debate” pode ser a hora em que a família conversa francamente sobre determinado problema ou assunto. Juntos, os familiares fornecem e procuram informes e opiniões, fazem perguntas, analisam idéias, dão sugestões e, às vezes, chegam a conclusões conjuntas.

Como Conduzir um Debate



Mas, como começar? O que se deve ter em mente ao conduzir um debate? Os nove pontos a seguir (adaptado de *How to Lead a Discussion: Some Practical Suggestions for Discussion Leaders*, elaborado para a Conferência de Junho de 1973 pela AMM do Sacerdócio de Melquisedeque), são bastante úteis para se conduzir um debate familiar:

1. Criar uma atmosfera propícia. Todos os presentes devem sentir-se à vontade para contribuir, compartilhar idéias, raciocinar em voz alta com o grupo — sem medo de serem ridicularizados. Ajude os familiares a compreenderem que é bom que nem todos pensem da mesma forma e que os pontos de vista individuais são importantes. Começar com um hino e oração, e acomodação confortável (de preferência em círculo) são pontos proveitosos. Não insista em que a pessoa deva levantar a mão quando deseja falar, nem respeite uma seqüência rígida. Mantenha uma atmosfera livre e informal.

2. Iniciar com criatividade. Quando forem debater uma escritura, artigo ou discurso de A Liahona, vocês poderiam ler em conjunto ou designar determinados familiares a lerem-no a sós, primeiro. Experimentem outras maneiras de iniciar um debate — analogias, histórias, perguntas interessantes, exemplos do artigo, jogos, questionários ou outros materiais da biblioteca da capela (como filmes, gravações, mapas, gravuras). Cuidem de que os recursos motivadores levem diretamente ao tópico a ser debatido e que

a família entenda claramente o objetivo do debate. Não deixem que a introdução consuma todo o tempo.

3. Depois de ler ou recapitular o artigo que pretendem debater, passem para as maneiras de aplicá-lo a sua família. Por exemplo, vocês poderiam trocar idéias sobre a personagem central do artigo: O que fez? Que proveito tirou da experiência? De que forma modificou sua atitude? O que teriam feito no lugar dela? Teriam reagido do mesmo jeito?

Ou poderiam debater uma situação do artigo: Por que isto aconteceu assim? Quais as outras soluções viáveis? O que poderíamos fazer para causar — ou evitar — situação idêntica em nossa família?

Ou poderiam debater a reação da família para com o artigo: O que pensam do artigo em pauta? Que diferença pode fazer em nossa vida ou nossa família? Que lição podemos tirar dele?

Ou procurem discutir uma idéia do artigo: Vocês concordam com a explicação dada pelo autor sobre a fé? Como *vocês* a definiriam? Que experiências pessoais os levaram a tal conclusão?

Como líderes de debate, vocês não precisam propor todas as questões. Peçam aos outros que contribuam. Incentive-os a comentar o que sentem a respeito do artigo ou debate.

4. Manter o debate focalizado num só tópico. Cabe a vocês evitar, com firmeza e bondade, digressões demasiadas do tópico em pauta. Entretanto, não se preocupem se os familiares não dizem exatamente o

que vocês diriam, ou se o debate toma um rumo diferente ao planejado. Permita que os outros abordem o assunto à maneira deles.

5. Ouvir todos os comentários com atenção. Procurem entender igualmente o sentido oculto de cada comentário — e incentivem os outros a fazer o mesmo. Dessa maneira, os familiares — particularmente as crianças menores — perceberão que o que têm a dizer é realmente importante, predispondo-as a dizer o que pensam.

6. Incentivar a participação de todos. Não permitam que uma ou duas pessoas monopolizem o debate. Mostrem-se sensíveis aos membros da família que se deixam intimidar pelos comentários ou personalidades mais eloqüentes, incentivando-os a expor seus pontos de vista. Dêem a todos oportunidade de falar.

7. Evitar mostrar-se muito dominante. Não pensem que precisam conhecer todas as respostas ou explicar cada comentário. Devolvam as perguntas ao grupo ou peçam que outros exponham idéias, soluções ou façam comentários. Geralmente, quanto mais o líder do debate se integrar no grupo, maior será a participação de seus componentes.

8. Fazer um resumo do debate, no final. Façam-no pessoalmente ou designem outra pessoa. Não repitam simplesmente tudo o que foi dito; procurem analisar. Perguntem à família se o sumário representou razoavelmente o que pensam.

9. Avaliar o debate. Perguntem a

si mesmos ou aos familiares se todos tiveram vontade de participar e como melhorar o próximo.

Participação em Debate

Eis algumas sugestões para os participantes:

(1) Aceitem a responsabilidade de compartilhar suas idéias, de responder a perguntas.

(2) Façam perguntas elucidadoras; se vocês estão confusos, outros provavelmente estão também.

(3) Não procurem preencher todas as pausas entre os comentários.

(4) Escutem os outros com atenção, em lugar de ficarem pensando unicamente no que pretendem dizer.

(5) Dirijam seus comentários à família inteira, não apenas ao líder de debate ou outra pessoa.

(6) Não tomem o tempo todo com comentários demasiadamente longos.

(7) Permitam que os outros tenham seus próprios pontos de vista, mesmo que divirjam dos seus. Evitem contendas; conservem a calma. Caso se julguem obrigados a discordar, façam-no com delicadeza, bondade e consideração.

(8) Ajudem a família a tirar conclusões apropriadas no final do debate.

Acima de tudo, os membros da família devem lembrar-se de que o propósito do debate é uni-los mais como família, aprender mais alguma coisa sobre o evangelho, ajudar a fortalecer a fé e o compromisso — e manter abertos os canais de comunicação familiar.

Ethel

Susan H. Aylworth

Como estudante universitária, passei algum tempo servindo no programa da Mútuo de uma escola estadual para excepcional em American Fork, Utah. Logo aprendi a aceitar e amar aquela gente. Eram pessoas extraordinárias, cuja espiritualidade transcendia suas deficiências físicas e mentais.

Exceto Ethel — vítima de grave paralisia cerebral. Eu achava extremamente difícil trabalhar com ela ou mesmo na presença dela. Minha piedade — e repulsa — eram simplesmente grandes demais. Ela precisava ser amarrada pelos pés e mãos a uma armação de metal para impedir que se machucasse. Contaram-me que tinha boa inteligência, mas o pessoal da escola levava quase quarenta anos para chegar a conclusão de que havia uma inteligência aprisionada naquele corpo cruelmente aleijado. Finalmente conseguiram ensiná-la a falar, embora eu não conseguisse entendê-la. Eu imaginava por que o Senhor a deixava viver, forçando-a a continuar uma existência obviamente miserável.

Um dia participei, por acaso, de uma reunião de jejum e testemunho na escola. Já no fim da reunião, Ethel quis falar. Imaginei por que a deixavam falar, se ninguém a entendia. Então Ethel falou de modo que até eu consegui entender, dizendo:

— Eu amo a vida!

Enquanto ainda prendia a respiração, assombrada, ela acrescentou: — E amo meu Pai Celestial!

Baixei a cabeça e chorei.

Quando Ethel terminou seu testemunho, todos cantaram o hino que logo se tornara seu predileto: “Sou um filho de Deus, por ele estou aqui...” Sempre que o ouço, desde aí, lembro-me de Ethel e da bela lição que me ensinou.

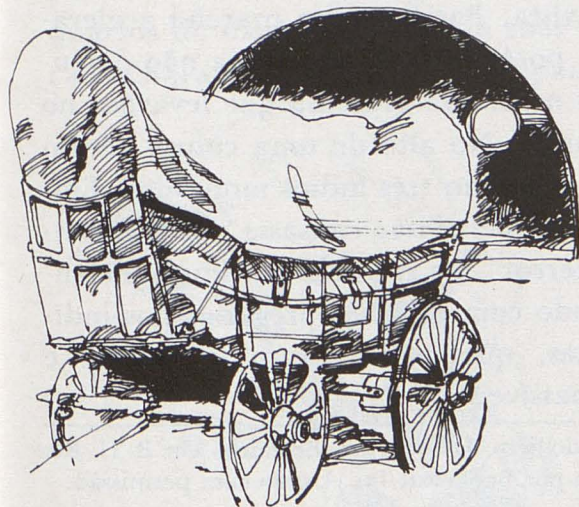
Mil e Quinhentos Quilômetros... Descalço

Hal Knight
Redator do Church News

Todos os anos, os mórmons do mundo inteiro prestam um tributo a uma parcela especial da sua herança — aos pioneiros que atravessaram as planícies até Utah, entre 1847 e a chegada da estrada de ferro, em 1869. Estima-se que setenta mil homens, mulheres e crianças desafiaram a extenuante jornada naqueles anos.

Eles chegavam de muitos lugares e países, em carroções cobertos ou a pé, impelidos por perseguições e pelo espírito de coligação. O desejo de viverem junto aos de sua fé e construírem uma vida melhor no reino temporal de Deus, bem como no reino espiritual.

Cada pessoa que fez a extenuante jornada tinha sua própria história. A experiência era igual, mas os detalhes, a pessoa e sua reação diante do desafio, tornavam-na diferente.





B. H. Roberts, que mais tarde viria a ser renomado historiador da Igreja, foi um dos que se arrastaram pelas planícies desoladas. Era então um garoto de dez anos, fazendo a longa jornada com sua irmã Polly, que mal tinha dezesseis. Faziam parte de uma companhia de trezentas e setenta e cinco pessoas que partiu do fim da linha férrea em Nebraska, perto de Council Bluffs. Eles partiram no dia 13 de julho de 1866. A mãe, que não viam havia quatro anos, os esperava no Vale do Lago Salgado, sem saber ao certo onde se encontravam.

A jornada levaria dois meses. Como todos os carroções estavam carregados com mantimentos, todos, inclusive crianças, foram obrigados a caminhar os mil e quinhentos quilômetros. Uma pessoa adoeceu e morreu durante a viagem. E houve problemas com os índios. Na maior parte, porém, a longa jornada resumia-se simplesmente em cansaço diário, frio, desânimo e até mesmo fome.

Roberts, entretanto, sempre considerou a travessia das planícies não como uma provação ou sofrimento, mas um esforço organizado que envolvia uma prova e purificação dos santos. Signifi-

cava mais que sobrevivência num ambiente hostil. Era uma jornada repleta de sentido.

Ele se descreve, na época da jornada, como garoto atarracado de nariz arrebitado, uma falha nos dentes da frente, cabelos descoloridos cortados rente à cabeça e roupas em frangalhos. Era um garoto traquina e curioso. Alguns de seus problemas na viagem deveram-se a sua desobediência a regras.

Por haver perdido os sapatos logo no início da viagem, teve de andar mil e quinhentos quilômetros descalço. Os pés feridos, rachados e sangrando foram a mais vívida lembrança de toda a jornada durante anos. Além das noites geladas.

Os índios eram uma ameaça. Os adultos contavam casos e mais casos de desaparecimentos, tortura e resgate de crianças, admoestando-as a ficarem perto dos carroções. Mas essas histórias não bastavam para induzir B. H. Roberts (conhecido então como Harry) a ter cuidado.

Ele e outro garoto de sua idade estavam colhendo groselhas perto do Rio Platte, quando de repente se deram conta de que o último carroção sumia de vista. Partiram em marcha acelerada, porém sem correr, para não derrubar nenhuma groselha que levavam no chapéu. No alto de uma colina deram de cara com três índios montados. Embora aquela visão causasse “magnificante terror”, os rapazes continuaram andando com os olhos pregados nos indígenas, que continuaram silenciosos e impassíveis.

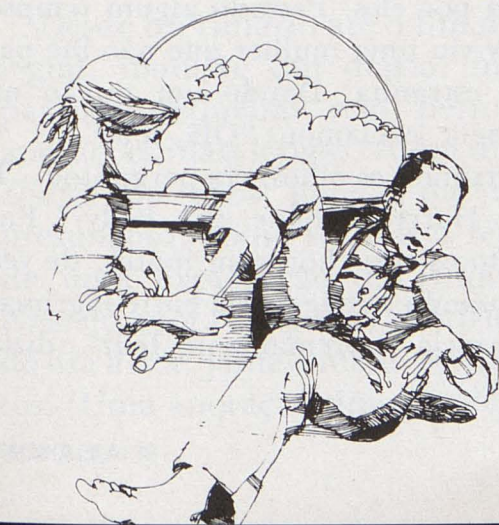
Estes trechos das memórias de Roberts foram extraídos do livro “Defender of the Faith, The B. H. Roberts Story”, de autoria de Truman G. Madsen, editado por Bookcraft Inc. Usado com permissão.

Justamente quando Harry chegou perto de um dos índios montados, este soltou um “grito agudo e selvagem”. Largando chapéus e groselhas, os garotos saíram em disparada, arriscando apenas um olhar para trás, enquanto corriam quanto podiam. Os índios contorciam-se, rindo a valer.

Durante muitos dias depois disso, Harry obedeceu às regras do acampamento, mas infelizmente essa docilidade não durou.

Um dia, entusiasmado com a prevista travessia de um rio, Harry saiu sorrateiramente do acampamento ainda de madrugada, pensando que o rio ficasse a uns dois ou três quilômetros. Todavia, o rio ficava bem mais longe e já era meio-dia quando o alcançou. Exausto e com os pés machucados, tirou os sapatos e adormeceu debaixo de uns salgueiros. O sono foi tão profundo, que nem sequer ouviu a caravana passar.

O último carroção já cruzara o rio e estava desaparecendo entre as árvores da margem oposta, quando Harry acordou e saiu correndo, gritando e agitando os braços. Mandaram que atravessasse o rio a nado. Arrancou o paletó e sapatos e caiu na água. Já vencera três quartos de distância, quando suas forças falharam. O capitão da companhia



entrou no rio a cavalo e o rebocou até a margem, onde recebeu uma surra que suportou sem um pio sequer. “Estava contente de ter-me livrado da enrascada.” A irmã, Polly, ficara desesperada com sua ausência. A perda do paletó e sapatos foi um problema sério. Todas as noites desejava ter o paletó e todos os dias — o dia inteiro — lamentava a falta dos sapatos.

Harry, assim como os outros homens e rapazes, dormia à noite no chão duro debaixo ou ao lado de um carroção. A despeito de ainda ser verão, as noites eram bastante frias. Polly, que dormia no carroção com outras mulheres e moças, passava-lhe sua anágua no escuro, mas isto pouco agasalhava contra o chão úmido e frio. Harry não tinha cobertor, só as roupas que usava dia e noite.

No Wyoming, ele certa vez juntou excremento seco de búfalo e fez uma fogueira para se aquecer. Foi a noite mais aquecida em muitas semanas, mas antes do amanhecer acordou coberto de uma fina camada de neve.

Não tendo mais sapatos, Harry simplesmente teve de caminhar quase mil e quinhentos quilômetros descalço. Os pés acabaram cheios de gretas, cortes e crestados pelo sol e pó, deixando rastros de sangue por onde passava. Era época de os cactos darem frutos, os quais ele colhia levado pela fome, machucando ainda mais os pés feridos. Toda noite Polly ficava arrancando os espinhos enquanto os dois choravam — ele de dor e ela de compaixão. Na manhã seguinte, lá ia ele de novo.

Quando não aguentava mais andar, Harry procurava meter-se sorrateira-

mente num carroção. Quando era pego, apanhava. Mas o capitão acabou encontrando uma forma de ajudar o “coitadinho”. Nos trajetos mais longos, dava permissão a Polly para lavar as roupas do rapaz que então tinha pretexto de ficar “escondido” num carroção, aproveitando a carona, enquanto suas roupas secavam.

Ao cruzarem um rio, ele viu uma garota esconder-se num carroção para evitar ter de vadeá-lo, e resolveu imitá-la. Mas o carroção acabou encalhando num banco de areia e foi deixado ali mesmo durante a noite com os dois jovens. Foi nessa noite que Harry perdeu seu mais precioso tesouro — um canivete de quatro lâminas que comprara na Inglaterra como presente para sua mãe. Caiu no Rio Platte, “perdido para sempre”. E Polly passou mais uma noite angustiada, preocupada com a ausência do irmão.

Os sacos de açúcar costumavam ficar molhados nas travessias de rio e depois iam pingando melado pelo caminho. Harry e outras crianças deitavam-se debaixo dos carroções de suprimentos, procurando apanhar com a boca os pingos doces. Infelizmente, a maior parte caía na roupa, em lugar de na boca.

Durante uma caminhada noturna, Harry, exausto, decidiu esconder-se num carroção. Encontrando um barril aparentemente vazio, meteu-se dentro dele e teve de abafar um grito de dor, quando os pés feridos afundaram na grossa camada de melaço que existia no fundo. Não lhe restou outra alternativa senão dormir ali mesmo.

Na manhã seguinte, saiu do carroção lambuzado de melaço da cabeça aos



pés, provocando risos de todo mundo. Como não havia meios de remover o melaço, teve de agüentá-lo “até que a poeira e o sol minoraram um pouco o incômodo”.

Por causa dos piolhos que pegou na viagem de navio da Inglaterra, o cabelo de Harry fora raspado rente. Numa parada perto de um acampamento índio no Wyoming, ele foi atraído pela primeira cerimônia de cachimbo da paz que via. Mas ele próprio virou uma espécie de curiosidade, e saiu correndo de medo, quando um deles, pondo a mão sobre sua cabeça, gritou: “Nada de escalpo”.

Chegando ao Vale do Lago Salgado, a companhia acampou logo à saída do desfiladeiro. Aos primeiros sinais do amanhecer no dia seguinte, eles saíram em parada, tendo Harry à frente como baliza. Polly se escondeu, quando o povo acorreu para ver a última caravana de carroções, com vergonha das roupas rasgadas e rosto e cabelos queimados de sol. Parecia não haver ninguém esperando por eles. Passado algum tempo, Harry viu uma mulher que não lhe parecia estranha. Dando um puxão na saia dela, exclamou: “Olá, mãe”.

Baixando os olhos, ela perguntou: “É você, Harry? E onde está Polly?” Enquanto os três choravam juntos, de vez em quando a mãe sorria entre lágrimas “e parecia supremamente feliz”, dizia Harry.

O Caderno de Notas

Janet Brigham

Comprei o primeiro, anos atrás, numa papelaria em Alexandria, Virginia, o mais barato que consegui encontrar. Na época, eu não sabia que estava começando um diário, apenas que precisava de algo para organizar meus pensamentos.

Antes disso, costumava anotar idéias em qualquer papelucho à mão — no verso dos recibos de dízimo, programas da Igreja e beiradas de folhinhas. Perdendo esses papeluchos, eu perdia o único registro de minhas melhores idéias. Era hora de torná-las mais duradouras.

Desde o Primário até o fim do Colégio, mantive um diário, mas as páginas pequenas não permitiam anotações mais longas. Além disso, o *Diário* da capa parecia-me muito presunçoso, como se fora o registro de uma exploração da Antártida. Nele eu anotava apenas as atividades do dia a dia, jamais meus pensamentos. (Uma anotação típica: “*Hoje me*

saí muito mal na prova de História, mas à noite Mike, o da classe de francês, me telefonou.”)

Eram anotações de pouca substância emocional, mas pelo menos eram anotações. Lamentavelmente, quando passei para a faculdade, fiquei “ocupada demais” para manter um diário.

Por isso, ao comprar o caderno de notas, não estava pensando em manter um diário. Estava apenas cansada de perder os pensamentos e idéias que dariam talvez discursos aceitáveis. Ao começar a escrever naquele primeiro caderno, fascinou-me a facilidade com que me vinham as palavras. Comecei a esperar com satisfação a hora de anotar minhas idéias. Às vezes tomava notas de idéias que pretendia registrar à noite. Certos dias acordava de madrugada e me punha a escrever animada durante cinco minutos ou até mesmo uma hora, sem pressa de ter de levantar e me aprontar. Certas noites escrevia

uma porção, outras não escrevia coisa alguma.

Eu gostava daqueles cadernos baratos porque neles não tinha medo de errar nem de contar os erros que cometia. Comecei a reservar tempo para escrever. Escrevia sempre no mesmo lugar — sentada no sofá ao lado da lâmpada. Nas margens, eu anotava acontecimentos importantes - tal como a compra de um carro novo ou a data de vacinação de minha gatinha. O espaço propriamente dito era reservado para registrar minhas reações do dia, minhas observações e conclusões.

Somente quando voltei à papeleria para adquirir outro caderno, é que me dei conta de que estava mantendo um diário. Então decidi dar um nome à série de cadernos — Janet. O primeiro, *Janet 1*, não tinha propriamente caráter de diário, visto que poucas anotações eram datadas e nenhuma delas mencionava atividades e impressões do dia-a-dia. Quando percebi estar escrevendo um diário, modifiquei o formato, a fim de poder saber, pelo menos, a data em que anotara determinada coisa.

Passei a interessar-me, igualmente, onde eu estava quando escrevia. Não importava onde estivesse — viajando ou em visita a amigos — eu era sempre a mesma pessoa com a mesma personalidade.

Certa vez, quando visitava uma amiga, dei-me conta do potencial do diário no incentivo de crescimento espiritual e emocional. Após horas debatendo com uma estudante de fi-

losofia que procurava contestar o evangelho, escrevi um longo trecho a respeito do que cria. Pô-lo por escrito era como que testificar. Naquela noite, percebi quão honesta e sincera eu era com meu diário — provavelmente muito mais franca do que com qualquer amiga. Frustrada com minha capacidade de pensar e expressar-me, escrevi: “Meu cérebro parece um aspirador, sorvendo toda espécie de detritos e sujeira. E ouro em pó. Por isso tenho de esvaziá-lo e separar partícula por partícula, até que reste apenas o ouro.”

Pôr minhas idéias em palavras, dava-me oportunidade de analisá-las. Às vezes, chegava a perceber que minhas atitudes eram baseadas em egoísmo ou preconceito. Outras, sentia o prazer de verificar que eram boas. Ocasionalmente, chegava a rir alto diante de minhas reações aos traumas do dia. Num dia particularmente ruim, escrevi um enorme BUUUUUU! Até que ajudou.

Comecei a intitular as anotações. Um de meus títulos prediletos — e anotação predileta — aconteceu quando tentava aprofundar minha fé. Dizia o título: “Janet Combate a Dúvida”. Outros refletiam uma atitude mais calma. Um deles em *Janet 3*, “Dias, Noites e Coisas que Amo”, introduzia uma passagem que gosto de reler:

“Adoro as noites claras e frias, quando posso ver as estrelas e falar em voz alta com elas. E gosto das primeiras horas da manhã, levantar, sentir-me viva, estar ao ar livre quando o dia ainda é criança. Adoro

novos inícios, quando ainda em organização. E lençóis limpos, roupa limpa, corpo limpo, cabelos lavados e uma razão para estar feliz. Adoro o mundo quando minh'alma transborda de esperança."

Nem sempre minha alma transborda de esperança. Às vezes transborda é de frustração. Quando isto acontece, posso voltar à rejuvenescedora anotação daquela noite de setembro, e encontrar incentivo noutra passagem escrita pouco depois: "*Quando compreendo o que estou passando, acho mais fácil perseverar.*"

Nem toda anotação é profunda ou mesmo interessante. Mas todas elas, a sua própria maneira, traçam minha conversão diária ao evangelho, as lutas com meu próprio eu e meu deleite em descobrir a vida, linha sobre linha. Cada uma ajuda outras a assumirem uma perspectiva mais clara. Não só refletem minha vida, como a afetam e se tornam parte dela.

Foi em *Janet 4*, quando minha amiga se mudou, que escrevi: "*Dói demais escrever.*" E em *Janet 5*, depois de haver mandado uma carta impensada que magoou um amigo, anotei: "Em meio a todas as vozes confusas que ressoam em minha mente, uma voz calma me invade e diz que a coisa não terá conseqüências." Depois de escrever a respeito da "voz calma", passei a notá-la com maior cuidado. A "voz" estava certa; quando pedi perdão a esse amigo, ele respondeu que já me havia perdoado.

Um dia em que achei a vida muito cruel, comecei o que desde aí é tradicional. Fiz um registro intitulado: "Pelo que Sou Grata". Naquele dia me assombrou, como ainda me assombra, quão variadas e grandes são minhas bênçãos, e quão obscuras e até mesmo engraçadas, às vezes, são minhas provações.

Em todas as minhas mudanças e andanças pelos Estados Unidos, em viagens e férias, em todos os momentos, os cadernos do meu diário têm sido amigos constantes disponíveis numa prateleira ou guardados numa mala junto com as escrituras. Tornaram-se um meio de resolver meus desafios pessoais de cada dia.

Pensei, a princípio, anotar ordenadamente meus mais profundos pensamentos, a fim de usá-los quando tivesse de falar em reuniões sacramentais. De fato, usei meu diário uma ou duas vezes para esse fim, mas isto é apenas uma pequena parte do grande benefício que me trouxe. Ele não é um livro de referência sobre minha vida, tampouco um traçado dela. Não um quadro do meu sucesso, mas uma obra de arte dinâmica, ainda que tosca.

A série *Janet* avança vigorosamente em seu décimo-quinto volume. Alguns abrangem um ano, outros, alguns meses. Sou a única pessoa que leu todos eles e pretendo que continue assim — por algumas décadas, ao menos. Os volumes passaram, no decorrer dos tempos, dos simples cadernos, a livros encadernados com folhas em branco.

“**T**udo começou quando eu cursava a oitava série em Tucson, Arizona,” conta Richard Olson. “Eu estava na classe de matemática com quatro amigos. Certo dia, um deles trouxe um labirinto que fizera e começou uma competição para ver quem conseguia fazer um melhor. Passado algum tempo, os outros quatro deixaram de fazê-los, mas eu continuei.

“Costumava fazer labirintos na escola e em casa. Alguns colegas passaram a interessar-se por eles e se puseram a copiá-los, o que manteve meu entusiasmo.

“Quando tenho vontade de fazer um labirinto, fico pensando em filmes a que assisti, livros que li e outras coisas capazes de me dar uma idéia. Fiz cursos de arte durante a escola inteira, mas não uso truques especiais para desenhar labirintos, embora goste de prolongar determinado caminho durante bastante tempo antes de truncá-lo, para depois criar o certo. Em geral, simples-

mente começo a desenhar, e as idéias vêm surgindo à medida que o trabalho prossegue.”

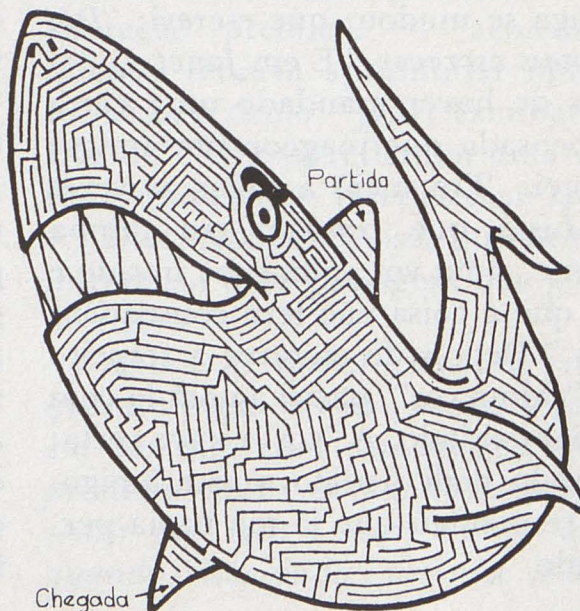
Foi o pai de Richard quem primeiro teve a idéia de publicar os labirintos em forma de livreto para financiar a missão do filho. “Prometi ao Senhor que todo o dinheiro iria para meu fundo missionário”, diz Richard. “No começo, os livros não eram muito procurados, mas depois recebemos mais encomendas do que podíamos fornecer e tivemos que imprimir mais.” Agora já publicaram mais de mil exemplares.

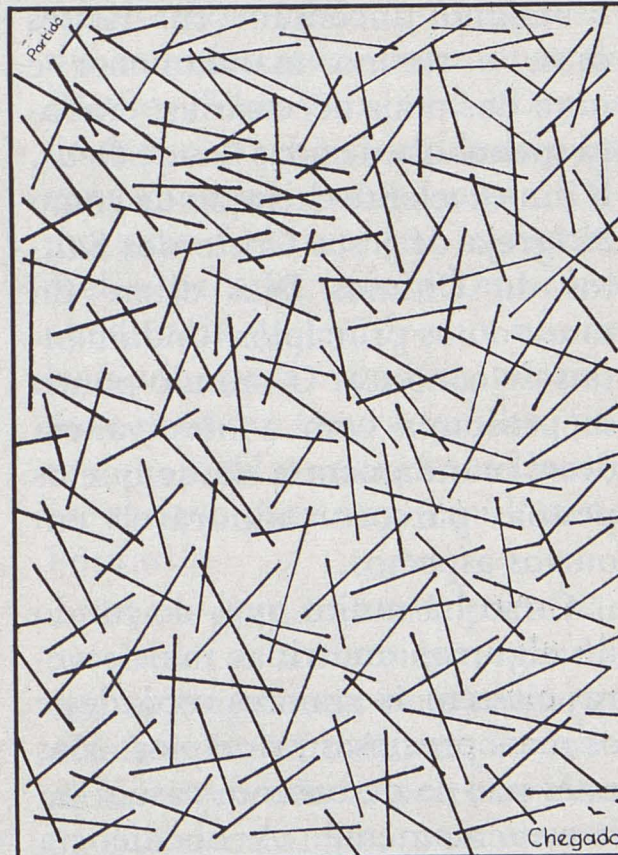
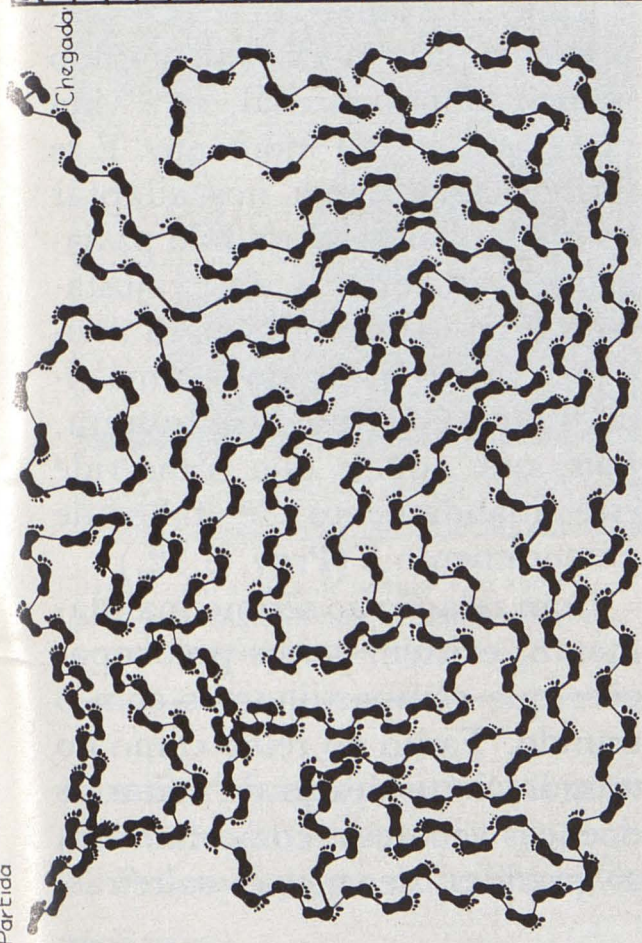
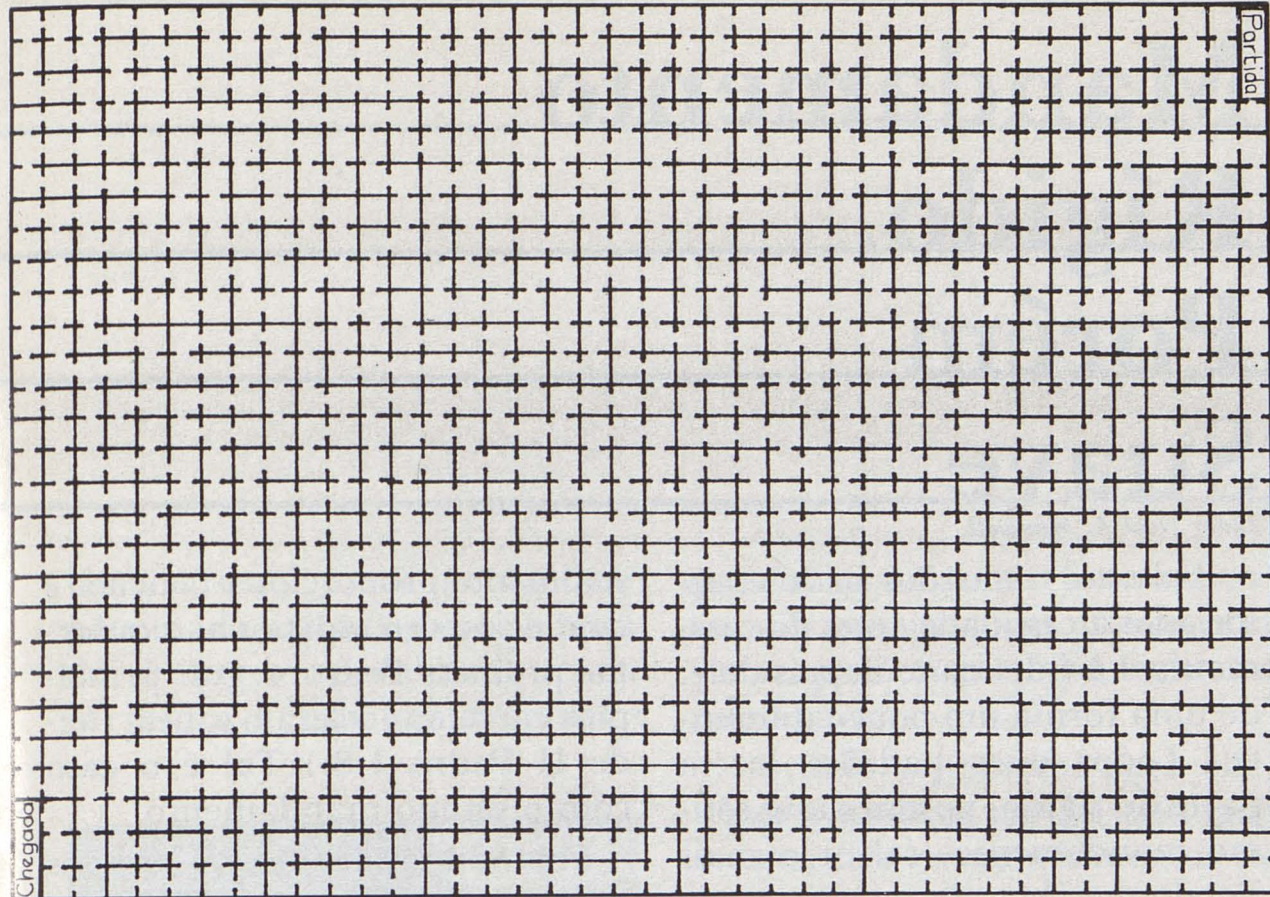
Richard serve atualmente na Missão Texas-San Antonio e os labirintos deixaram de ser importantes. “No campo missionário”, diz ele, “não tenho tempo para fazê-los, pois desenhar um leva de duas a três horas. Além disso, existem coisas mais importantes a fazer.” Quando voltar para casa, todavia, provavelmente voltará para a prancha de desenho.

Eis alguns exemplos do trabalho dele.

Labirintos

Maxwell T. Stone





Mandamento

Rígido,

Porém

Suave

Élder Neal A. Maxwell

Tentarei tratar dos padrões associados à castidade antes do casamento e à fidelidade depois dele, de uma forma um pouco diferente. Todos esses padrões fazem parte do rígido, porém suave sétimo mandamento, talvez o mais impopular de todos os dez.

Assunto incomum em nossos dias, o sétimo mandamento é uma das mais necessárias, embora menos obedecidas leis de Deus. É um excelente exemplo de como A Igreja de Jesus Cristo dos Santos do Últimos Dias difere do mundo nos princípios fundamentais de conduta. O mundo pouco se preocupa com a observância desse mandamento, desde que as pessoas pareçam admiráveis em outros aspectos.

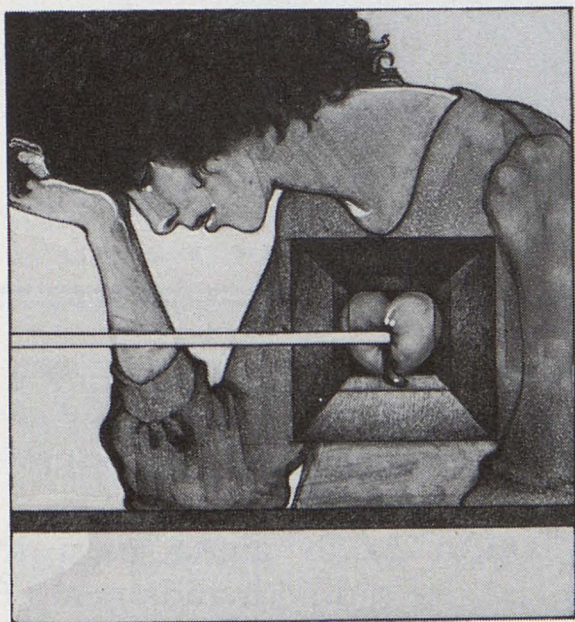
Creio há muito que, no fundo de algumas doutrinas mais severas existem as maiores verdades e os mais preciosos princípios. Mas estes não se descobrem casual ou irreverentemente. A obediência

realmente proporciona bênçãos e conhecimento adicional conforme promete Pedro; seguir princípios corretos acelera o saber. (Vide II Pedro 1:8.) Tal é o caso com o sétimo mandamento.

Falando francamente, irmãos e irmãs, devíamos estar-nos preparando para viver num mundo melhor. Embora vital, esta vida não passa de um momento. E se formos ligeiros em nos adaptar aos caminhos deste mundo passageiro e imperfeito, esse ajustamento nos desajustará para a vida no próximo mundo — uma vida que será eterna! Não admira, pois, que aquele que transgride esse mandamento “é falto de entendimento.” (Prov. 6:32.)

Com relação ao sétimo mandamento, existem certas preocupações que compartilhamos com o mundo. Tanto no reino como no mundo, há o desejo de evitar as doenças venéreas, como também a gravidez de moças solteiras.

Uma terceira preocupação compartilhada *em parte* com o mundo, é que a imoralidade sexual prejudica a vida matrimonial e



Assim como a falta de castidade, o aborto produz... condições em que muitos corações morrem "profundamente feridos".

familiar, fazendo aumentar o número de divórcios.

Felizmente, no reino, as razões

para se guardar esse mandamento vão muito além dessas três preocupações, por mais legítimas que sejam.

A razão primordial para obedecer a todas as leis da castidade é guardar os mandamentos de Deus. José tinha perfeita consciência dessa razão, quando resistiu às insinuações da mulher de Potifar. (Vide Gên. 39:9.) Depois de deixar claro sua lealdade para com seu amo, José conclui: "Como pois faria eu este tamanho mal e pecaria contra Deus?" A obediência de José foi um ato de lealdade para consigo mesmo, para com sua futura família, para com Potifar, para com Deus e até mesmo para com a mulher de Potifar!

Outra grande razão para não desobedecer ao sétimo mandamento é que essa desobediência afasta o Espírito Santo de nossa alma. Perdemos o precioso dom de sua companhia, pois ele não

pode habitar uma alma pecaminosa. E sem a ajuda dele, tornamo-nos seres humanos menos úteis, menos perceptivos, menos funcionais e menos amáveis. Em certo sentido, ficamos incapacitados para o trabalho do Senhor, justamente quando somos tão necessários.

A imoralidade sexual é perigosa por ser tão dessensibilizante. A lascívia pode, ironicamente, fazer aqueles que tão erradamente celebram sua capacidade de sentir, perder essa capacidade! Segundo as palavras de três diferentes profetas de três diferentes dispensações, eles perdem o sentimento. (Vide I Néfi 17:45; Efésios 4:19; Morôni 9:20.)

Norman Cousins adverte: “As pessoas que insistem em ver tudo e fazer tudo correm o risco de não sentir nada... Nossas mais sublimes reações estão sendo embotadas sem o sabermos.” (“See Everything, Do Everything, Feel Nothing”, *Saturday Review*, 23 de janeiro de 1971, p. 31.)

Quando perdemos a capacidade de sentir é porque destruimos a sensibilidade da alma. Embotamos nossa capacidade de apreciar as sutilezas, aquela graciosidade e empatia pertencentes àquele mundo melhor que almejamos.

Nossa sociedade egocêntrica tende a viver levemente, afas-

tando-se de tudo o que possa representar uma obrigação — descartando-se de amigos, parentes e até companheiros “usados”. Esse descarte de pessoas é um dos estágios finais do egoísmo, no



Se nossa mente estiver repleta de coisas erradas, não haverá nela lugar para o verdadeiro amor a Deus e aos semelhantes.

qual o indivíduo não quer assumir nenhum compromisso de caráter duradouro nem ser responsável por coisa alguma.

Outra razão ainda para se guardar o sétimo mandamento é que a falta de castidade diminui a auto-estima, pois estamos pecando contra nossa própria natureza e contra quem realmente somos. (Vide I Cor. 6:18,19.) Em minha opinião, estamos ainda quebrando promessas feitas no mundo pré-mortal, promessas es-

tas indelevelmente gravadas em nossa alma.

A falta de castidade também causa um grave impacto nos outros. O pai que acha que o seu adultério é justificado não avalia



Não vivenciando na prática essas grandes ... verdades... estaremos na "cela iluminada de um" impulso e apetite.

o impacto de seu ato sobre a esposa e filhos. A sua desobediência afeta outros igualmente.

Uns dezoito anos atrás, como bispo de uma ala de estudantes adjacente à universidade de Utah, procurei inutilmente salvar um casamento. A esposa fora infiel e quando tentei ajudar e compreender, soube que quando criança tivera um pai adúltero. Embora injustificadamente, ela estava-se vingando dos homens. O que ela fazia não era por amor.

Anos depois de ter sido desobrigado do bispado, li no jornal que fora presa, acusada de prostituição. Não sei por onde anda hoje, mas não consigo tirar do pensamento as palavras de Jacó, verberando os pais que haviam perdido a confiança dos filhos por seu mau exemplo. (Vide Jacó 2:35.)

Os milhares de jovens solteiros que coabitam representam, igualmente, uma brecha importante na vida familiar. As consequências dessa brecha em nosso ambiente social serão sentidas por gerações e gerações. Bainville, sábio filósofo francês, advertiu: "A gente precisa querer as consequências do que quer."

Assim como nossos valores básicos atuam uns sobre os outros, nossas instituições também. Não podemos corromper a família e esperar ter um bom governo! Quando, por exemplo, sugerimos com nossa conduta que os mandamentos não têm importância, surge o caos. O pai pode justificar o peculato, o filho adulto, o adultério, e o neto adulto, a traição. Se desobedecer não é errado, então cada um pode escolher que mandamentos quer violar.

Estas e outras preocupações ultrapassam em muito as preocupações mundanas com doenças e gravidez. A Igreja, porém, tem de ser resolutamente, como diz Paulo, "a coluna e firmeza da

verdade". (I Tim. 3:15.) A preocupação da Igreja com a guarda do sétimo mandamento — medida pelos padrões das entrevistas regulares com seus líderes e membros — chega a ser exclusiva no mundo de hoje, e isto não é acidental!

Outra conseqüência da grave imoralidade sexual com sua influência desensibilizante é que rouba a esperança do homem. E quando o homem está vazio de esperança, aparece logo o desespero, pois como diz um profeta: "... o desespero vem por causa da iniquidade." (Morôni 10:22.) Assim, iniquidade e desespero reforçam-se terrível e reciprocamente.

A alienação reinante na terra é resultante, muito mais do que pensamos, da crassa imoralidade sexual — diante da qual sucumbem a fé, a esperança e a caridade.

Em sua monumental história da humanidade, Will e Ariel Durant observam que o sexo é igual a um rio de fogo — ele precisa ser contido e arrefecido por centenas de restrições; do contrário, tanto o indivíduo como o grupo acabam destruídos.

Meu último conselho está contido nestas observações adicionais:

1. Resistindo à persuasão do mundo, verão que logo outros se-

guirão seu exemplo — alguns surpreendentemente.

2. Assim como não permitem que alguém ande com pés sujos pela casa, não deixem que o fa-



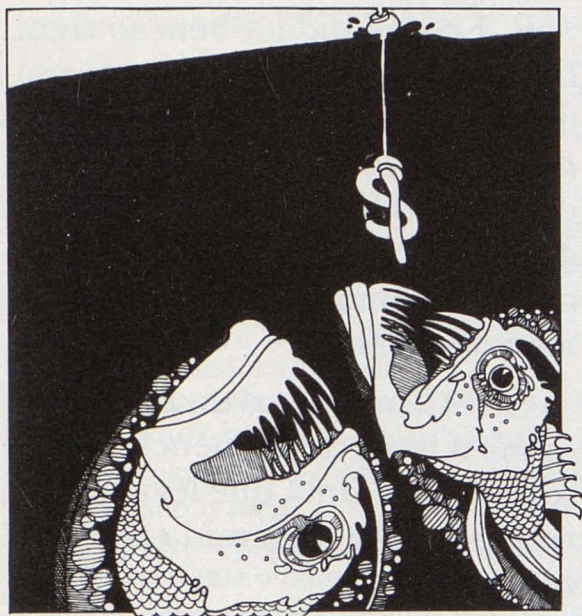
O mundo pouco se preocupa com a obediência a esse mandamento, desde que as pessoas pareçam admiráveis sob outros aspectos.

çam em sua mente.

3. Formem um forte elo pessoal na cadeia de castidade e fidelidade familiar, para que se estenda dos avós até a posteridade ainda por vir. Essa ligação é a mais forte que existe. Confirmem por meio de ações que acreditam nos mandamentos, a despeito do que esteja acontecendo no mundo.

4. Não andem em companhia de fornicadores — não por serem melhores do que eles, mas por

não serem suficientemente fortes, conforme disse C. S. Lewis. Lembrem-se de que situações inconvenientes conseguem vencer até mesmo gente de bem. José



Ao lado do tradicional homem predatório e egoísta, existe agora a mulher predatória e egocêntrica. Impelidos por seus apetites, ambos sentem-se falsamente livres.

não teve apenas bom senso como boas pernas, para fugir da mulher de Potifar.

5. Ao lado do tradicional homem predatório e egoísta, existe agora a mulher predatória e egocêntrica. Impelidos por seus apetites, ambos sentem-se falsamente livres. É a mesma espécie de liberdade vazia possuída por Caim (depois de haver matado Abel), quando, ironicamente exclamou: “Estou livre”, (Moisés 5:33.)

6. Em caso de erros já cometi-

dos, lembrem-se do glorioso evangelho do arrependimento. O milagre do perdão está à espera de todos os que se arrependem sinceramente. Não se esqueçam, entretanto, de que nesses casos a alma tem de primeiro ser cauterizada pela vergonha, pois só depois de limpa realmente pode a ferida sarar. Mas o caminho do arrependimento existe.

7. Quando surgir o impulso de transgredir, combatam-no enquanto ainda é fraco, e a força de vontade, vigorosa. A hesitação leva ao enfraquecimento da vontade e fortalecimento do impulso. Estejam sempre diligentemente engajados nas boas coisas, pois a ociosidade tem o mau hábito de insistir, sem parar, que o que importa é agradar ao próprio ego.

8. Precisamos chegar ao ponto de desprezar os pecados do mundo, porém sem desdenhar as pessoas do mundo, mas amando-as. Contudo, temos de desprezar os pecados do mundo. O escárnio e zombarias do mundo são passageiros. Tiago, que não era tímido com relação à verdade, dizia: “Adúlteros e adúlteras, não sabeis vós que a amizade do mundo é inimizade contra Deus?” (Tiago 4:4.)

9. Lembrem-se, os que estão errados não devem decidir sua maneira de viver, pois quem se

vangloria de suas conquistas sexuais apenas fala daquilo que o venceu — assim como as pessoas que contam piadas de bêbedos, estão apenas ridicularizando aquilo que zomba delas.

Evitando os males e consequências da incontinência, ganhamos direito e acesso às bênçãos que sempre acompanham os que guardam os mandamentos. Se guardarem o sétimo mandamento, colherão inevitavelmente estes resultados:

A. Terão a bênção incomensurável de estar em harmonia com Deus e sua lei.

B. A obediência trará ainda a bênção de conhecer e realizarmos nosso potencial. O evangelho ajuda-nos a ver não só o que somos, mas o que poderemos tornar-nos.

C. Guardando o sétimo mandamento, gozaremos a bênção da auto-estima.

D. A guarda desse mandamento abençoa-nos com a liberdade do mais opressivo de todos os tiranos - os apetites. Assim, seremos mais livres.

E. Conheceremos a bênção de expandir o livre arbítrio, aprendendo a agir sabiamente por nós mesmos em lugar de nos deixarmos levar pelos apetites. (Ver II Néfi 2:26.)

F. Existe ainda a bênção significativa de progredir mais rapidamente, decorrente da decisão *de rejeitar o errado e escolher o certo*. Não basta chegar ao ponto de não mais nos agradarmos do pecado; temos de sentir fome e sede de retidão.

G. Além das demais, temos ainda a importante bênção da integridade d'alma que leva à inteireza pessoal e destemida franqueza.

Meus jovens amigos, o desvio dos mandamentos de Jesus Cristo os torna menos cristãos. Parte do ser um verdadeiro cristão é guardar o sétimo mandamento. Reconheçamos que ser casto antes do casamento e fiel depois de casado, é a única maneira de nossa alegria ser completa. É minha oração em nome de Jesus Cristo. Amém.



Coro do Tabernáculo Faz Estrondoso Sucesso na Posse do Presidente Reagan

Por J. Malan Heslop, Editor Gerente do Deseret News.

Cantando um de seus mais conhecidos números musicais, "Já Refulge a Glória Eterna", o Coro do Tabernáculo encerrou o maravilhoso desfile de 100 carros na Posse do Presidente Ronald Reagan no dia 20 de janeiro próximo passado.

Parando durante cinco minutos e meio diante do palanque do Presidente Ronald Reagan, na Avenida da Pensilvania, as trezentas vozes do coro cantaram o hino a pedido da Senhora Nancy Reagan, primeira dama dos Estados Unidos.

Um comentarista da rede de televisão da CBS disse que se fosse possível "trazer a casa abaixo em frente ao palanque, o Coro do Tabernáculo o faria".

O Presidente Reagan deixou cair algumas lágrimas durante o hino e no final enxugou os olhos com as mãos. Muitos outros que estavam no palanque presidencial enxugaram as lágrimas durante o hino.

O presidente Ezra T. Benson, do Conselho dos Doze, que serviu como Secretário da Agricultura na administração Eisenhower, esteve presente nas festividades de posse como representante da Igreja. O Élder Joseph B. Wirthlin, do Primeiro Quorum dos Setenta, também esteve presente e participou de alguns acontecimentos na posse.

Vários membros da Igreja foram claramente vistos durante as festividades de posse, incluindo o Dr. T.H. Bell, secretário designado para o Departamento de Educação; Richard Richards, novo líder do comitê nacional Republicano; e os senadores de Utah, Orrin Hatch e Jake Garn.

Donny e Marie Osmond, artistas SUD, fizeram sua contribuição às festividades de posse com números especiais num programa de músicas, danças e brincadeiras apresentado por artistas internacionalmente conhecidos na noite de gala de 19 de janeiro.

"Os Osmonds adicionaram muito brilho ao acontecimento", disse Betty Bell, que com seu marido, T.H. e filhos Mark Warren e Glen, assistiram ao programa.

Merrill Osmond foi o produtor associado da cerimônia de abertura no Memorial a Lincoln. Esse evento, que apresentou o Coro do Tabernáculo acompanhado da Banda do Exército dos Estados Unidos, foi o primeiro numa série de quatro dias de festividades de posse.

O coro e a banda, nos degraus do Memorial onde está a gigantesca estátua de mármore de Abraham Lincoln, e as colunas de pilares brancos, servindo como pano de fundo apresentaram "América the Beautiful", "Já Refulge a Glória Eterna", e o hino nacional "The Star Spangled Banner".

Quando eles cantaram o hino nacional, uma coreografia pirotécnica colorida iluminou a noite. Canhões dispararam salvas em acompanhamento à letra do hino. Esta foi a terceira vez que o coro participou da posse presidencial dos Estados Unidos mas foi a primeira vez que acompanhou o desfile. Quando os membros do coro desciam a Avenida Pensilvania no seu gigantesco palco móvel os espectadores gritavam, "Cantem para nós!"

O coro agradeceu a um público estimado em 150.000 pessoas que se alinhou nas ruas. Muitas vezes o povo rompeu o cordão policial para acompanhar o carro do coro, que foi o último a se apresentar na parada e cantar junto com o coro.

"O coro proporcionou um excepcional encerramento para um dia maravilhoso. Ficamos orgulhosos do coro. Foi realmente um acontecimento especial", disse o secretário, Dr. Bell, que é mesmo da Estaca de Salt Lake e um dos oficiais de gabinete do Presidente Reagan.



Ancelle del Signore, cercano la bella

**NOTÍCIA
URGENTE**



APRESENTAÇÃO DO CORO DO TABERNÁCULO NO BRASIL.

O Coro do Tabernáculo Mórmon de Lago Salgado cantará no Brasil nos fins de maio, numa série de concertos beneficentes em prol do novo Centro de Pesquisa e Estudo da Problemática e do Menor Carente. Em sua primeira excursão à América do Sul incluirá atuações em São Paulo, Brasil, na primeira Semana de Música das Américas, de 24 a 30 de maio. O evento reunirá famosos expoentes de música clássica, popular e folclórica da América do Norte e da América do Sul.

O programa previsto do Coro será transmitido para vários países via satélite. O coro participará das cerimônias de abertura

de gala da Semana da Música no Teatro Municipal a 24 de maio; dará concertos no Ginásio do Ibirapuera em São Paulo, que tem 12.000 lugares, a 25, 26 e 27 de maio de 1981.

Concertos adicionais do Coro em Buenos Aires, Argentina e Assunção, no Paraguai, estão previstos.

O Centro de Pesquisa e Estudo da Problemática e do Menor Carente, terá sede no Instituto Mackenzie em São Paulo, por acordo assinado pelo Instituto e os Companheiros das Américas em julho de 1980.

Estimativas indicam que há 80 milhões de crianças carentes na América Latina, incluindo dois milhões completamente abandonadas no Brasil, mais 14 milhões que vivem em favelas praticamente sem supervisão ou apoio material dos pais.

Onovo centro de pesquisa reunirá estatísticas fidedignas sobre o problema, e implantará projetos-piloto que conduzam a recomendação para solucionar a terrível situação.

ASemana de Música das Américas é um projeto dos Companheiros das Américas e do Instituto Mackenzie. A organização Companheiros das Américas é um movimento voluntário do povo para o povo, com 88 comitês nos Estados Unidos e América Latina, trabalhando para articular projetos, incluindo intercâmbio médico, programas de nutrição, escolas comunitárias, pesquisa agrícola e intercâmbio cultural, esportivo e clínico.

Gary J. Neeleman, da Cidade do Lago Salgado, é o encarregado dos Companheiros das Américas nos Estados Unidos. O Instituto Mackenzie é uma universidade particular, agora no segundo século de dedicação à pesquisa científica e técnica, com mais de 300.000 alunos.

O Coro do Tabernáculo já se apresentou na Cidade do México, na Europa, na Inglaterra, no Canadá, na Coréia, no Japão e em todos os Estados Unidos, mas não na América do Sul.

Dr. Jerold D. Ottley regerá os concertos do coro de 325 vozes na América do Sul, tendo como assistente Dr. Donald H. Ripplinger e acompanhado pelos organistas do Tabernáculo Dr. Robert Cundick e Dr. John T. Longhurst.

Os governantes do Brasil e de São Paulo comprometeram-se a cooperar plenamente com a Semana da Música. TV Globo, a quarta maior rede de televisão no mundo, fará completa cobertura dos acontecimentos.

Presidente honorária da primeira Semana da Música das Américas é Dona Sylvia Maluf, esposa do governador de São Paulo.

Será colocada à venda uma coleção de três discos, com a gravação das músicas que vão ser cantadas pelo Coro do Tabernáculo.

Avinda do coro ao Brasil é um incentivo para os membros e também uma excelente ferramenta missionária.